

## INVESTIGANDO REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES EM CAPAS DE REVISTAS PARA O PÚBLICO LGBT+

## INVESTIGATING REPRESENTATIONS OF MASCULINITIES ON THE COVERS OF MAGAZINES FOR THE LGBT+ AUDIENCE

Fábio Alexandre Silva Bezerra<sup>1</sup>

Ana Flora Ferreira Rocha<sup>2</sup>

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

### RESUMO

Na sociedade contemporânea, há um número crescente de textos multimodais e de recursos tecnológicos que constroem representações sociais e estabelecem relações interpessoais, que, por sua vez, influenciam a maneira como entendemos nossas experiências cotidianas nos mais diversos contextos. Neste artigo, investigamos representações de masculinidades criadas em capas de revistas produzidas para o público LGBT+. Com base nos estudos de Kress e van Leeuwen (2006) em sua gramática do design visual, bem como em conceitos propostos pela Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (1989), além de estudos de gênero social (LOPES, 2006; CONNELL, 2005), foram analisadas seis capas da revista *MaisJR*, com circulação nacional, tendo sido escolhida por ter a maior tiragem entre revistas do gênero no Brasil. Nessas capas, buscamos encontrar aspectos que nos ajudassem a entender se tais representações contribuem para a manutenção de uma visão hegemônica de masculinidade, ou se, ao contrário, ajudam a desconstruir padrões conhecidos na sociedade e propagados em outros meios. Após a seleção das capas, fizemos a análise multimodal e discutimos os resultados textuais encontrados com base em conceitos da ACD. Resultados gerais indicam que a revista tem uma política editorial que favorece a propagação de valores hegemônicos no que diz respeito a masculinidades, valorizando o homem forte, musculoso, com pelos corporais e/ou faciais, que transmite a ideia de poder por meio do vestuário e/ou do seu comportamento no meio social.

**PALAVRAS-CHAVE:** multimodalidade; análise crítica do discurso; masculinidades; capas de revistas.

### ABSTRACT

In contemporary society, there is an increasing number of multimodal texts and technological resources that build social representations and establish interpersonal relationships, which, in turn, influence the way we understand our everyday experiences in the most diverse contexts. In this paper, we investigate representations of masculinities created in magazine covers produced for the LGBT+ audience. Based on categories of analysis proposed in Kress and van Leeuwen's (2006) grammar of visual design and on concepts from Critical Discourse Analysis (CDA) put forth by Fairclough (1989), as well as studies of gender (LOPES, 2006, CONNELL, 2005), six covers of the magazine *MaisJR* were analyzed. Besides being distributed nationwide, *MaisJR* was chosen for having the highest circulation among magazines of its genre in Brazil. In these covers, we aimed to

---

<sup>1</sup> Fábio Alexandre Silva Bezerra é doutor em Língua Inglesa e Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina e PhD em Linguística pela University of Sydney. Atua como professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, e lidera o GEPLAM – Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Sistemico-Funcional, Análise Crítica do Discurso e Multimodalidade/Multiletramentos (UFPB/CNPq). Contato: <fabes10@yahoo.com.br>.

<sup>2</sup> Ana Flora Ferreira Rocha é licenciada em Letras/Inglês pela Universidade Federal da Paraíba, tendo sido professora-bolsista do Programa Idioma sem Fronteiras por 20 meses. É ex-bolsista em projeto de iniciação científica (PIBIC), coordenado pelo primeiro autor, intitulado “A leitura do texto verbal e da imagem na mídia contemporânea”, por meio do qual a presente pesquisa foi desenvolvida. Contato: <aflorasg@gmail.com>.

find aspects that could help us to understand if such representations contribute to the maintenance of a hegemonic view of masculinity, or if, on the contrary, they help to deconstruct patterns known in society and propagated through other means. After selecting the covers, we carried out the multimodal analysis and discussed the textual results found based on concepts of CDA. General results indicate that the magazine has an editorial policy that favors the propagation of hegemonic values regarding masculinities, valuing the strong, muscular man with body and/or facial hair, who conveys the idea of power through clothing and/or his behavior in the social environment.

**KEYWORDS:** multimodality; critical discourse analysis; masculinities; magazine covers.

## INTRODUÇÃO

Cada vez mais, publicações nacionais e internacionais promovem construções de ideias e significados sobre gênero através de suas capas e do que nelas está representado. A mídia impressa, embora tenha perdido um pouco de sua popularidade nos últimos anos, por conta dos avançados das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), ainda conta com número considerável de consumidores. Na atualidade, revistas impressas também têm *websites* próprios e perfis em redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* para que haja uma maior divulgação de seus conteúdos, o que, simultaneamente, também expande os espaços nos quais contribuem, por exemplo, para a manutenção ou mudança de padrões estabelecidos de comportamento e de visões de mundo na sociedade em que circulam. Com o advento das redes sociais, as imagens começaram a ocupar lugar mais importante no espaço de leitura do público, demandando do leitor competências que vão além da decodificação e interpretação da palavra escrita. O impacto que as representações imagéticas e verbais podem ter no público em geral e a crescente representação de gêneros nesse contexto imprime destaque à relevância de análises sobre como tais veículos midiáticos constroem, por exemplo, imagens de masculinidades.

Tratamos de imagens de masculinidades devido à crescente sexualização e objetificação do corpo masculino na mídia, algo que, até pouco tempo, estava quase completamente restrito ao corpo da mulher. Esse fenômeno da contemporaneidade, potencializado pelas TDIC, contribui para a construção e disseminação no meio social de expectativas acerca do que se deve compreender como sendo a figura masculina ideal em determinados contextos. Aqui, tratamos desse fenômeno na mídia impressa e digital direcionada mais abertamente ao público LGBT+ em território nacional. No Brasil, historicamente, são exemplos importantes de publicações destinadas a esse público o jornal de cunho mais político *O Lâmpião da Esquina*, que surgiu durante a ditadura militar e teve 38 edições, e as revistas *G Magazine* (1997-2013) e *Aimé* (2008-2010).

Nesse contexto, utilizamos para análise na presente pesquisa a revista *MaisJR*, publicação do gênero com maior tiragem nacional. Destinada ao público LGBT+, a publicação teve início em outubro de 2015 e continua sendo publicada até última notícia (edição nº 47, março de 2020), sendo produzida pelo Grupo Liberado Junior. É importante destacar que, antes da *MaisJR*, este mesmo Grupo publicou a revista *Junior*, direcionada para o mesmo público, de 2007 a 2015. Dessa maneira, mesmo tendo nomes diferentes e tendo passado por mudanças editoriais, essas duas revistas, mantidas algumas semelhanças, já somam, no total, quase 13 anos de publicação ininterrupta, sendo superada, até o momento, apenas pela revista *G Magazine*, publicada por quase 17 anos.

Com vistas à investigação de masculinidades representadas em capas da revista *MaisJR*, por se tratarem de textos multimodais, em que texto verbal e imagem interagem de maneiras específicas para construir sentidos também particulares, faz-se necessário lançarmos mão de suporte teórico que nos possibilite discutir essa construção multissemiótica. Para tanto, serão utilizados conceitos e categorias de análise da gramática do design visual de Kress e van Leeuwen (2006). Além disso, para a compreensão mais aprofundada dos sentidos produzidos pelos/nos textos multimodais, é necessário discutirmos elementos do discurso (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]), tais como questões de ideologia, relações de poder e representatividade.

Este artigo tem como objetivo principal desvendar os sentidos construídos nas capas de revistas analisadas para que seja possível compreender alguns discursos dominantes e periféricos presentes no que se refere às expectativas de masculinidades na sociedade contemporânea. A partir desse objetivo geral, alguns objetivos específicos são delineados. Primeiramente, buscamos estabelecer como o texto multimodal nas capas de revistas escolhidas pode ocultar sentidos que, muitas vezes, são apenas inconscientemente apreendidos por meio da repetição de certas representações em nosso cotidiano. Além disso, também procuramos revelar a curva ideológica formada pela política editorial da revista *MaisJR* tendo em vista seu público-alvo principal. Dessa maneira, pretendemos compreender em que medida a revista *MaisJR* amplia e/ou limita espaços para a diversidade de representações de masculinidades em suas capas com base no conteúdo que produz.

## 1 Fundamentação teórica

Com vistas à análise multimodal, como previamente mencionado, apresentamos a perspectiva da análise multissemiótica a partir de conceitos e categorias de análise da gramática visual de Kress e van Leeuwen (2006). Essa gramática, desenvolvida em diálogo estreito com a perspectiva de linguagem/língua proposta na Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), descreve o texto multimodal por meio de três dimensões, ou metafunções, quais sejam: de representação, de interação e de composição.

A *metafunção de representação* organiza o potencial semiótico da imagem em duas grandes categorias de significação: representações narrativas e representações conceituais. As representações narrativas podem ocorrer pela presença de processos de ação, de reação, mentais e verbais. As representações conceituais, por sua vez, organizam-se em três subcategorias de análise: de classificação, analíticas e simbólicas.

Quanto às representações narrativas, podemos destacar os processos de ação, identificados pela presença de participantes envolvidos no evento, presença de vetores e indicadores de tempo e espaço, que podem ser transacionais, pois aparecem na imagem mais de um/a participante (ator e meta) envolvidos no mesmo processo e, pelo menos, um vetor. Caso seja possível ver apenas o ator na imagem, o processo de ação seria não transacional. Na figura 1<sup>3</sup>, por exemplo, temos um processo de ação transacional, pois podemos ver ator (quem abraça) e meta (quem está sendo abraçado) representados na imagem, bem como é possível identificar a ação de abraçar por meio dos vetores formados pelos braços do adulto e da criança em relação aos seus corpos. Este processo é, ainda, bidirecional, visto que os dois participantes estão sendo ator e meta, um em relação ao outro (i.e. o abraço é mútuo). Se apenas um dos participantes estivesse abraçando e o outro sendo apenas abraçado, esse processo de ação seria unidirecional.



Figura 1: Processo de ação transacional  
Fonte: <https://unsplash.com>



Figura 2: Processo de reação transacional  
Fonte: <https://cdn.pixabay.com>

Há, ainda, nas representações narrativas, os processos de reação, que podem ser transacionais, como na figura 2, pois o participante representado (experenciador) está olhando para um fenômeno (alvo) presente na imagem, ou não transacionais, como na figura 1, em que não temos como saber para onde o adulto e a criança estão olhando, pois o fenômeno (o objeto do

<sup>3</sup> Todas as imagens utilizadas nesta seção do artigo foram retiradas de sites de imagens de domínio público.

olhar) não aparece na imagem. Ademais, podemos encontrar, no texto imagético, processos mentais e verbais, que são marcados por balões de fala (Fig. 3) e de pensamento (Fig. 4), respectivamente, como comumente visto nos quadrinhos.



**Figura 3:** Processo verbal  
 Fonte: <https://br.freepik.com>



**Figura 4:** Processo mental  
 Fonte: <https://www.flickr.com>

Já nas representações conceituais, o foco está nos atributos e nas identidades dos participantes representados. Há alguns indicadores que permitem identificar tais representações, como a disposição dos participantes em taxonomias por meio de processos classificatórios explícitos (com legenda) ou implícitos (sem legenda), com foco nas características dos participantes enquanto integrantes de um grupo. Na figura 5, por exemplo, vemos relógios dispostos uma ao lado do outro, criando, dessa maneira, um compartilhamento de características individuais que criam, por sua vez, uma identidade coletiva: relógios. Tal processo classificatório se dá de maneira implícita, visto que não há legenda na imagem indicando que se trata de relógios.

Como exemplo de processo analítico, que apresenta os elementos da imagem em uma relação parte/todo, temos na figura 6 a representação dos pés da participante, imprimindo destaque para essa parte de seu corpo, intensificando a sensação prometida de relaxamento para quem se dispuser a passar pela mesma experiência de massagem. Com relação aos processos simbólicos, que acrescentam valor à imagem pela presença de elementos que representam o significado ou identidade do participante, a figura 7 traz a *Golden Gate Bridge* em São Francisco, ponto turístico que cria destaque para qualquer registro fotográfico da cidade californiana devido a sua presença imponente e sua cor ardente mesmo em meio ao nevoeiro.



**Figura 5:** Processo classificatório  
 Fonte: <https://unsplash.com>



**Figura 6:** Processo analítico  
 Fonte: <https://br.freepik.com>

Na *metafunção de interação*, os sentidos construídos por meio das imagens podem ser compreendidos a partir das seguintes categorias de análise: contato, distância social, atitude e poder. A categoria contato estabelece relação entre participantes representados na imagem e o leitor, de acordo com a direção do olhar daquele. Se o mesmo estiver olhando diretamente para o leitor, caracteriza-se uma demanda (Fig. 8). Caso os olhares do participante representado e do leitor não se encontrassem, estaria sendo representada uma oferta.



**Figura 7:** Processo simbólico  
 Fonte: <https://www.flickr.com>



**Figura 8:** Contato: demanda  
 Fonte: <https://br.freepik.com>

A distância social, por sua vez, se refere ao plano de câmera escolhido para a

captura/produção da imagem. No plano fechado (*close-up*), há a construção de uma relação de intimidade (Fig. 8). No plano médio (*medium shot*), uma relação de sociabilidade. No plano aberto, uma relação de impessoalidade (*long shot*). Já a categoria atitude estabelece relação por meio do posicionamento do corpo do participante representado com relação ao leitor – em um contínuo que vai da posição de frente (Fig. 3), passando por variações de lado (Fig. 1 e 2), até de costas. No que diz respeito ao poder, essa relação é estabelecida através da representação do participante na imagem variando entre ângulo alto, com poder maior do leitor (Fig. 6), nível do olhar, com relação de igualdade entre leitor e participante representado (Fig. 1) e ângulo baixo, com poder do participante representado.

A *metafunção de composição* permite a descrição dos elementos representados na imagem de acordo com a posição que ocupam nela ou no texto multimodal a partir de três categorias analíticas: valor da informação, enquadramento e saliência. Quanto ao valor da informação, há três possibilidades gerais de disposição dos elementos que compõem o texto: esquerda (informação dada) e direita (informação nova); topo (informação ideal) e base (informação real); e centro (informação principal) e margens (informações secundárias/acessórias). Quanto ao enquadramento, observamos a presença ou ausência de linhas divisórias entre os elementos que compõem a imagem, havendo a possibilidade de criação de relação de conexão forte ou fraca eles. Quanto à saliência, analisamos a imagem a partir do destaque que certos elementos tomam no texto multimodal, que pode ser criado pela manipulação de recursos diversos, tais como: tamanho relativo, cor, foco, contraste e posicionamento em primeiro ou segundo plano.

Na contemporaneidade, em que os processos comunicacionais tornam-se, de maneira crescente, mais multissemióticos e multiculturais (CHRISTIE, 2005), a multimodalidade, como área de investigação científica, assume destacada relevância em uma sociedade interconectada que demanda dos indivíduos competências como leitores e produtores de textos no sentido de uma participação mais efetiva e crítica (NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011), contexto no qual a escola se firma como importante espaço para o desenvolvimento da compreensão do papel da linguagem no meio social (BEZERRA, 2016). No sentido de aprofundar a discussão dos dados revelados por meio da análise multimodal, alguns conceitos da Análise Crítica do Discurso (ACD) são acrescentados ao trabalho analítico desenvolvido neste artigo, mais especificamente por meio da discussão dos discursos com base no modelo tridimensional proposto por Fairclough (1995; 2015[1989]). Tal modelo descreve o evento discursivo primeiramente como texto (gramática, vocabulário, coesão, etc.), para então interpretá-lo como prática discursiva (questões de produção, distribuição e consumo desses textos) e, por fim, explicá-lo a partir de sua relação com questões sociais mais complexas, tais como ideologia, relações de poder, de identidades, etc.

Essa perspectiva de análise crítica do discurso vê e discute os sentidos produzidos por meio da linguagem a partir de seu poder constitutivo, em que várias vozes se articulam para construir ideias específicas sobre os mais diversos aspectos da vida em sociedade, dando destaque para os discursos como espaços de luta em que visões particulares procuram estabelecer posicionamentos hegemônicos, possibilitando, assim, a explicitação de contradições na teia das relações sociais. Quando sugeriu que o poder nas sociedades modernas é exercido por meio do discurso, Foucault (1997) cria o espaço de discussão necessário para se entender como certas visões de mundo, desejos e interesses são estabelecidos como dominantes em oposição a outros mais periféricos. Ao compreendermos essa relação dialética entre discurso e poder, também passamos a perceber que mudanças nos discursos (e nas relações de poder) são, em geral, acompanhadas de mudanças sociais, e vice-versa.

A perspectiva da ACD tem em seu espaço teórico-metodológico forte preocupação social, além de derivar de abordagens multidisciplinares relacionadas ao estudo da linguagem (RESENDE; RAMALHO, 2014). Com base nela, estudos de questões linguístico-discursivas podem revelar aspectos importantes da vida social. Ao se analisar um texto criticamente, a preocupação não está apenas nos textos em si, mas em questões como a maneira de representação da realidade, com suas manifestações de identidades e relações de poder na contemporaneidade (MEURER, 2005).

Através das reflexões possíveis por meio de conceitos propostas no âmbito da ACD, podemos investigar e discutir como as representações de masculinidades analisadas ajudam a manter ou estabelecer novos papéis em discursos na atualidade, visto que a sociedade é fortemente influenciada pelo discurso midiático. Na atualidade, como já mencionado, vemos ocorrer um movimento crescente de sexualização e objetificação dos homens na mídia, especialmente na mídia voltada para o público LGBT+, o que torna visível diferentes tipos de masculinidade e também traços marcantes de uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005).

Como será trabalhada a ideia de masculinidades, faz-se necessário também algumas considerações sobre gênero social. O conceito de masculinidade não pode ser compreendido de forma monolítica, hegemônica e fixa – daí a necessidade de nos referirmos a essa questão no plural (i.e. masculinidades), dando destaque precisamente à pluralidade de questões que estão imbricadas nos papéis sociais de gênero em nossa sociedade. Da mesma forma, não podemos assumir que o discurso midiático segue um único padrão de representações identitárias; apesar de reproduzir e, muitas vezes, retroalimentar discursos do senso comum e visões conservadoras, parte da mídia também contribui, eventualmente, para a desconstrução de ideias preconcebidas e generalizantes sobre o ser masculino (mesmo que ainda muito timidamente).

Nas capas analisadas, vemos diferentes representações de masculinidades, que compartilham semelhanças, mas que também apresentam características distintivas entre si, construindo, por meio do texto multimodal, ideias de masculinidades que podem ou não corresponder a uma visão hegemônica em determinado contexto sociocultural, que exalta, por exemplo, o homem “forte, ativo e machão” (LOPES, 2006). Em seu aclamado livro *Masculinities*, mais especificamente no capítulo intitulado *A very straight gay*, Connell (2005) traz histórias, depoimentos e falas que nos convidam a uma reflexão acerca de concepções hegemônicas de masculinidade, como a ideia de que o homossexual é necessariamente efeminado. No excerto abaixo, por exemplo, podemos ver como a ideia de masculinidade hegemônica pode estar presente inclusive no discurso de homens gays.

Se você é homem, por que não se comporta como homem? Você não é mulher, não aja como uma. Esse é um argumento forte o suficiente. E couro e todas as outras coisas, eu acho que não entendo. Isso é tudo o que tenho a dizer. Sou um gay muito hétero. (p. 156, tradução nossa)

Essa e outras suposições sobre como indivíduos devem expressar suas masculinidades em sociedade devem ser questionadas na medida em que vivências particulares se mostram distantes de tais expectativas. É inadiável o compromisso com uma sociedade mais inclusiva, acolhedora e segura no que tange expressões mais amplas, e menos tóxicas, de masculinidades – mudança que se mostra benéfica não somente para homens como também para mulheres em suas relações pessoais e sociais. Nesse contexto, com base no suporte teórico da gramática do design visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), da ACD, mais especificamente no modelo tridimensional de Fairclough (1995; 2015[1989]), e na compreensão sobre o ser masculino a partir de sua pluralidade, ou seja, das masculinidades (CONNELL, 2005), o presente artigo apresenta análises críticas do texto multimodal tendo seguido estas etapas da pesquisa.

## 2 Procedimentos metodológicos

Para a consecução dos objetivos desta pesquisa, com base no suporte teórico já descrito, algumas etapas foram seguidas. Primeiramente, iniciamos o processo de seleção das revistas que seriam analisadas. Em primeiro lugar, foi decidido que trataríamos nesta pesquisa apenas de revistas nacionais, deixando publicações internacionais como objeto de estudo para investigação futura. Dentre as publicações consideradas, foi escolhida a revista *MaisJR* por ela ter a maior tiragem em circulação nacional, contando tanto com versão impressa quanto digital.

Entre as publicações da revista *MaisJR*, foi feito um recorte longitudinal e foram determinadas as capas que compoariam o *corpus* do estudo relatado neste artigo. Sendo sua primeira publicação de outubro de 2015, e considerando que a seleção das capas a serem analisadas ocorreu em outubro de 2017, o recorte foi feito dentro desse espaço de tempo, tendo, assim, as seguintes edições sido selecionadas: novembro de 2015, março de 2016, julho de 2016, novembro de 2016, março de 2017 e julho de 2017.

Depois de decididas as capas a serem analisadas, foi feita a análise multimodal de cada uma delas com base nos conceitos e categorias de análise da gramática do design visual de Kress e van Leeuwen (2006). Em seguida, esses dados da análise multimodal foram discutidos com base no suporte teórico-metodológico da ACD de Fairclough (1995; 2015[1989]), com vistas à discussão de aspectos das práticas discursivas e sociais nas quais os textos se inserem. Como parte da análise crítica do discurso, mais especificamente na dimensão das práticas sociais, foi discutida a relevância dos dados textuais encontrados no que diz respeito a questões de representação de masculinidades (CONNELL, 2005).

Por fim, os dados de análise foram resumidos no sentido de descrever os principais resultados do presente estudo a partir de seus objetivos (geral e específicos), momento em que também foram destacadas algumas questões que podem nortear futuras investigações.

### 3 Resultados e discussão

Nesta seção, as capas selecionadas da revista *MaisJR*<sup>4</sup> são apresentadas e analisadas de acordo com conceitos e categorias propostos pelas teorias que dão suporte a esta investigação. Inicialmente, fazemos uma breve descrição da edição específica da revista e, em seguida, procedemos à análise propriamente dita.



Figura 9: Capa da edição nº 2 da revista *MaisJR*

Fonte: <http://www.maisjr.com.br>

Com foco em seu caráter multimodal, a primeira capa a ser analisada compõe a edição de

<sup>4</sup> Agradecemos à revista *MaisJR* por ter gentilmente autorizado o uso das imagens destas capas para fins de publicação deste artigo.

coleccionador n. 2, publicada em novembro de 2015 (Fig. 9), que mostra Thammy Miranda – conhecido transexual brasileiro – sem camisa e de braços cruzados.

Vestindo apenas uma gravata, com tatuagens visíveis e de braços cruzados, há uma evidente escolha de construir a imagem de Thammy a partir de partes específicas de seu corpo, dando destaque para os significados representacionais em termos conceituais. Essa seleção de parte de seu corpo constitui um processo analítico, pois o torso nu, a gravata, as tatuagens e os braços cruzados ajudam a construir uma imagem masculina também específica, lançando mão de elementos simbólicos que remetem, no mundo ocidental, ao homem forte, atraente e determinado. Tal representação conceitual assume relevância quando levamos em consideração o fato de que a revista busca contemplar no espectro de masculinidades a figura de um homem transexual, que deve, certamente, ser reconhecido como uma decisão editorial que acompanha, já em sua segunda capa, as demandas e realidades de vivências de gênero na sociedade atual.

Quanto aos sentidos interacionais, podemos observar que Thammy aparece encarando o leitor da revista, estabelecendo uma relação de contato por demanda. Talvez essa demanda possa ser compreendida como uma expectativa por parte do participante representado de uma relação de reconhecimento, por parte do leitor, de sua identidade como homem, visto que ainda constitui uma realidade sendo assimilada pela sociedade como um todo, encontrando resistência devido a compreensões essencializadas sobre o que significa ser homem (ou mulher) atualmente.

Além disso, a imagem também se trata de uma representação em plano médio (*medium shot*), criando uma ideia de relação social com Thammy, talvez no sentido de entendermos que homens transexuais (assim como mulheres transexuais) fazem parte de nossa realidade social, estando também em nossos possíveis círculos de contato cotidiano. Ademais, percebemos que o ângulo em que Thammy está representado, por ser frontal, busca estabelecer uma relação de maior envolvimento com o leitor. Por fim, notamos que o participante representado está também no nível do olhar do leitor, criando, assim, uma relação de poder igualitária com o leitor. Todos esses dados sobre a interação parecem criar uma relação de maior proximidade, de igualdade e envolvimento entre Thammy e os potenciais leitores, possivelmente contribuindo para a leitura desse indivíduo a partir de um lugar de aproximação, que pode, quem sabe, também gerar acolhimento ao nos aproximarmos de experiências diversas sobre gênero em nossa sociedade.

Além da função interacional, podemos perceber aspectos relacionados à função composicional na Figura 9, como o fato de algumas palavras estarem em vermelho (p. ex. Thammy; peito), sugerindo que elas tenham uma relevância diferenciada nas frases, remetendo-nos à saliência de certos aspectos da representação. Também em termos composicionais, notemos que, na esquerda, temos a informação já conhecida: que seu nome é Thammy, mesmo nome de quando ainda exercia expressão de gênero feminino – tendo mudado apenas seu sobrenome para Miranda, que antes era Gretchen (como o da sua mãe). Na direita, contudo, vemos a informação nova: o corpo de Thammy agora sem seios. Essa relação composicional é criada para nos apresentar Thammy agora como homem trans.

A partir desses dados do evento discursivo como texto, podemos fazer algumas considerações acerca das práticas discursivas com as quais ele se relaciona e com as práticas sociais nas quais está inserido. É importante esclarecer, contudo, que fazemos considerações mais completas acerca das práticas discursivas deste evento discursivo apenas neste momento em que analisamos esta capa, visto que as informações que destacamos aqui são precisamente as mesmas a serem consideradas sobre todas as outras cinco capas que compõem o corpus deste estudo – evitando-se, desta maneira, repetições desnecessárias.

Sendo assim, algumas questões acerca da produção, da distribuição e do consumo desses textos (capas) precisam ser descritas inicialmente. Como mencionado anteriormente, esta revista é produzida em escala nacional, dialogando com o cenário atual da comunidade LGBTQ+ através de suas matérias, a exemplo dessa publicação cuja capa traz o questionamento “Quem disse que precisa ter peito para chegar lá?”, fazendo referência ao fato de o participante representado ser transexual masculino.

Quanto à distribuição, a revista está disponível tanto na versão impressa, por meio de assinaturas ou compras avulsas a serem feitas pela internet<sup>5</sup>, como na versão digital. Em sua versão digital, todo conteúdo, separado por seções indicadas por abas, tais como “homem”, “manual” e “entretenimento”, são de acesso gratuito. Até mesmo a seção com material de sexo explícito, intitulada *MaisHot*, também é de acesso gratuito. Sua versão impressa acaba sendo direcionada ao público considerado colecionador, que objetiva ter em casa (todas) as edições da revista. Quanto ao público-alvo, também sabemos que é composto por leitores e leitoras maiores de 18 anos.

Ao pensarmos em questões sociais complexas que podem estar sendo abordadas por meio desse texto multimodal, podemos destacar aspectos ideológicos que perpassam a representação de identidades e masculinidades específicas na capa em análise. Na dimensão das práticas sociais, a publicação parece abrir espaço para imagens que indicam um alinhamento com a ideia de reconhecimento de homens transexuais como identidade de gênero legítimas na teia social na qual existimos. Contudo, há, também, certa manutenção do retrato hegemônico de masculinidade, porque, além de estar vestindo gravata, e portando várias tatuagens, Thammy ainda cruza os braços dando destaque, mesmo que de maneira mais discreta, aos seus bíceps – i.e. quanto mais músculos, mais másculo.

A presença da gravata, como já mencionado, mesmo sem camisa ou terno, representa mais um recorte de masculinidade (o homem “sério”), conectando-se com outros textos da capa, como o termo “política” destacado, anunciando que na edição haverá uma análise crítica sobre o estatuto da família. Há de se reconhecer, no entanto, que o corpo de Thammy, de certa forma, representa uma inclusão de corpos menos sarados no espectro de possibilidades de representações de masculinidades que a revista pode decidir representar – e isso é algo positivo, já que, para ser homem, não é indispensável ter um corpo completamente sarado (apesar disso parecer ser a realidade na quase totalidade das outras capas analisadas neste artigo).



Figura 10: Capa da edição nº 6 da revista *MaisJR*  
Fonte: <http://www.maisjr.com.br>

Na edição de março de 2016 (Fig. 10), três homens aparecem com peças de vestuário que

<sup>5</sup> A compra em bancas de revistas só é possível nas seguintes cidades: São Paulo, Santos e Rio de Janeiro.

remetem às Forças Armadas, mais especificamente ao exército, ainda mais com a frase “A ditadura da beleza” destacada sobre o corpo de um deles.

Iniciando a análise multimodal, temos, no âmbito da função representacional, uma representação narrativa, que se dá através de processos de ação representados na imagem pelo levantamento de peso (centro), pela flexão de músculos (esquerda) e pelo processo de parcial retirada do boné militar (direita). Tais elementos, apesar de não serem atrelados exclusivamente ao universo masculino, são utilizados com muito maior frequência para construir ideais de masculinidade. Ademais, considerando uma segunda categoria de análise dentro dessa função, que são as representações conceituais, percebemos destaque dado às peças do vestuário dos participantes representados (referência militar) e a escolha por não apresentá-los de corpo todo, construindo, dessa maneira, um processo analítico, dando evidente ênfase a certos atributos físicos (tórax, abdômen e bíceps bem desenvolvidos).

Sob a ótica da função interacional, os homens estabelecem relação de contato por demanda com o leitor, talvez fazendo uma constatação dessa ditadura da beleza ao qual o texto verbal se refere, que parece nos afetar a todos. A distância social é estabelecida pelo plano médio (*medium-shot*), criando uma certa sociabilidade entre os participantes representados e o leitor. Apesar de um dos homens (centro) estar retratado em um ângulo frontal, considerando a categoria de atitude, há certo grau de distanciamento, visto que os outros dois participantes estão representados em um ângulo oblíquo.

Apesar de o participante em ângulo frontal ter apenas metade de seu corpo representada, é a partir dele que é construída da maneira mais evidente uma imagem de masculinidade com base na musculatura e na força, elementos importantes no mundo ocidental quando se trata da visão hegemônica de masculinidade. Vale destacar que esse aspecto também é percebido por meio da representação do participante da esquerda, mesmo estando em ângulo oblíquo. O participante da direita, contudo, por estar vestindo um colete, não deixa tão aparente sua musculatura.

No tocante à categoria de poder, o fato de os participantes estarem no nível do olhar do leitor faz com que a relação de poder seja igualitária, mesmo que eles estejam representados em posições que poderiam sugerir outras relações (de superioridade ou inferioridade). Essa escolha pode ser compreendida como objetivando, também, estabelecer certo grau de relevância sobre o tema tratado na vida do leitor, visto que ele também pode se sentir sujeito a essa mesma ditadura da beleza.

Em termos composicionais, temos um arranjo tríptico dos participantes representados na imagem (esquerda, centro e direita), colocando o participante que está no meio em maior evidência. Essa saliência também se dá por meio do contraste entre os participantes que estão representados sem colete e o que está vestindo colete, que tira evidência de seus músculos.

Um dos participantes aparece levantando pesos, demonstração de força e relação com a imagem hegemônica de masculinidade, que pode ser uma referência ao *CrossFit*, aludindo ao que está escrito no topo da Figura 10. Quanto aos elementos simbólicos (as peças de vestuário, “ditadura” e o *CrossFit*), podemos, enfim, concluir que eles se unem para construir o possível significado das matérias da publicação: a importância da aparência física ideal para o homem, e um possível caminho para atingi-la.

Essa capa indica que o assunto da edição é beleza, e não se retém ao reforçar um determinado padrão, não apenas por meio da imagem, mas também através do discurso verbal, com a frase “a ditadura da beleza”, sugerindo que existe uma forma de aparência imposta de maneira não democrática pela sociedade.



Figura 11: Capa da edição nº 10 da revista *MaisJR*

Fonte: <http://www.maisjr.com.br>

Na edição de julho 2016 (Fig. 11), em termos representacionais, vemos o ator Raphael Montagner. O foco da representação está no participante e no processo de ação que está desenvolvendo, i.e. segurando sua jaqueta aberta, com árvores e outras plantas como plano de fundo de foco, destacando, dessa maneira, o corpo masculino musculoso. Em termos conceituais, vemos um processo analítico, visto que foi feita a escolha de apresentar apenas a parte superior do corpo do ator na capa da revista, que também adiciona ênfase a sua musculatura.

Com relação aos significados interacionais, podemos afirmar que o contato estabelecido entre o leitor e o olhar do participante estabelece uma relação de demanda, tornando a relação mais pessoal e intensa através do olhar direto para o leitor. A sua representação em plano médio (*medium shot*) nos passa a ideia de uma relação social, que ainda é fortalecida pelo fato ângulo da imagem no nível do olhar do leitor, criando um espaço de igualdade entre ambos. Tal igualdade não precisa se constituir necessariamente em termos de igualdade de corpos, mas no compartilhamento de possibilidades, de caminhos para se alcançar tal objetivo do homem contemporâneo no tocante a essa masculinidade hegemônica descrita por Cornnell (2005).

Já em termos composicionais, podemos destacar o fato de o participante representado estar posicionado em primeiro plano, dando claro destaque para seu corpo. Em relação a seu corpo, vale salientar que a presença de pelos no rosto também indica análise similar à da capa anterior, em que pudemos constatar, em uma análise crítica do discurso, a presença de evidentes marcas simbólicas no tocante ao padrão de masculinidade hegemônica percebido na Figura 10, e também em parte da Figura 9. Note-se, contudo, que, assim como nas capas anteriores, o participante representado não tem pelos corporais, o que pode sinalizar um padrão de masculinidade específico em que homens retiram tais pelos para, por exemplo, dar maior destaque a seus músculos e/ou para supostamente manter/aparentar melhor higiene corporal. A manutenção de pelos faciais, então, funcionaria como marca de uma também suposta masculinidade hegemônica.



Figura 12: Capa da edição nº 14 da revista *MaisJR*

Fonte: <http://www.maisjr.com.br>

Na capa da edição 14 da revista, publicada em novembro de 2016, está representado o engenheiro Diego Vivarelli. Seu olhar cria um vetor, que, em termos representacionais, indica um processo reacional não-transacional (não está representado na imagem o objeto para o qual o vetor do olhar aponta). Há, também, um processo simbólico apresentado pela marca de bronzeado em seu corpo nu e sem pelos, representando possível preocupação estética e brasilidade, mesmo sabendo que se trata de uma visão estereotipada do homem moreno, alto e bronzeado – contribuindo, assim, para a expressão de sensualidade neste texto multimodal.

Quanto à função interacional, podemos observar que o participante representado na imagem estabelece com o leitor uma relação de contato por oferta, pois, ao não nos conectarmos com seu olhar, resta-nos observar seu corpo. Assim como as primeiras três capas analisadas, a imagem está representada em plano médio (*medium shot*), com o corpo em ângulo oblíquo suavizando o envolvimento com o leitor. Ou seja, apesar de ser um homem que pode estar no nosso nível de sociabilidade, ele está sendo representado como alguém que não se envolve com o leitor de uma maneira mais direta, estando apenas disposto para nossa observação (e admiração, talvez).

Em termos composicionais, podemos perceber que há um grande contraste entre o texto verbal e o fundo da imagem, dando destaque para o trocadilho “o engenheiro que é um monumento”, fazendo referência a sua profissão e à posição em que a foto do participante representado foi tirada, como se ele fosse uma escultura, atribuindo ainda maior valor simbólico ao corpo masculino sarado como objeto de desejo e admiração.

Novamente, a revista, sendo destinada ao público LGBT+, reforça a imagem hegemônica de masculinidade, que seria a do homem musculoso, másculo e poderoso, com ênfase ainda maior, quando comparada com as outras capas, por aqui esse corpo masculino estar sendo representado sem roupa. No entanto, também nota-se a ausência de pelos não apenas no corpo mas também no rosto do participante representado na imagem, afastando-o do padrão percebido até agora nas análises das outras capas, em que o participante representado tinha pelos no corpo (Figura 9) ou pelos no rosto (Figuras 10 e 11), elemento pertinente na indicação de existência de padrão

hegemônico de masculinidade sendo sustentado no decorrer das publicações da *MaisJR*.

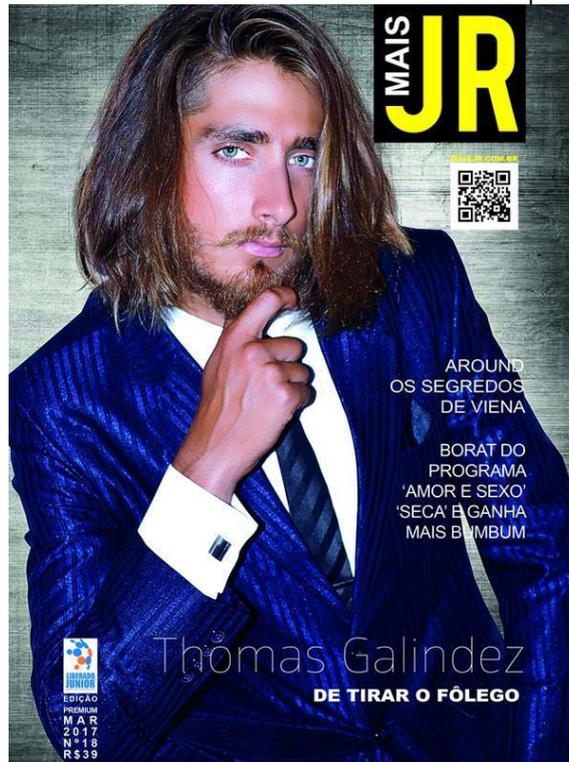


Figura 13: Capa da edição nº 18 da revista *MaisJR*

Fonte: <http://www.maisjr.com.br>

Na Figura 13, capa da revista *MaisJR* publicada em março de 2017, o participante representado, Thomas Galindez, aparece representado apenas pela parte superior do corpo, partindo de uma análise representacional conceitual analítica. Ele veste um terno, o que acrescenta valor conceitual simbólico, tendo em vista que ternos normalmente são associados a “homens de negócios” e Galindez é triatleta, profissão que exige vestuário diferente.

Em termos interacionais, o participante está, mais uma vez, representado em plano médio (*medium shot*), estabelecendo uma distância social do leitor, porém no nível do olhar do mesmo, indicando uma relação de poder igualitária. O olhar do participante representado na imagem estabelece com o leitor uma relação de contato por demanda, e, apesar de seu rosto estar virado para frente, seu corpo estabelece certo grau de distanciamento por não estar completamente de frente para o leitor. Vemos, dessa maneira, que há proximidade social, com relação de poder não destacada, mas com não envolvimento, que é suavizado pelo fato de o participante estar olhando diretamente para o leitor. Na margem inferior, há a informação acessória, nome do participante representado e o comentário “de tirar o fôlego” se referindo homem representado e sua beleza.

Representando-o vestindo terno (diferentemente das capas anteriores), esse atleta de cabelos longos, barba e sobancelha grande, quando comparado aos outros homens que foram fotografados para a capa da revista em meses anteriores, de certa forma, quebra, mesmo que timidamente, o padrão que vinha sendo estabelecido até então. Apesar de parte do texto verbal da capa fazer referência ao corpo (“Borat do programa ‘Amor e Sexo’ ‘seca’ e ganha mais bumbum”), o texto imagético contribui de maneira diferente para pensarmos sobre masculinidades.

Essa representação imagética parece acrescentar o cuidado com o vestuário como algo a ser considerado pelo homem contemporâneo. O fato de ele ser o primeiro participante representado completamente vestido (nas capas analisadas) também constrói valor diferente para o sentido de masculinidades que está às vistas da sociedade. O contexto de produção e recepção da revista não mudou, mas há uma certa ampliação das representações para além do homem seminu, mostrando que na revista também há espaço para o homem contemporâneo, que se cuida,

que se veste bem. Isso ajuda a desconstruir a ideia de que o homem exerce poder apenas através da força, porque esse homem não mostra músculos, e, ainda assim, parece manter uma ideia de poder por meio da maneira com que se veste e posiciona seu corpo.



Figura 14: Capa da edição nº 22 da revista *MaisJR*

Fonte: <http://www.maisjr.com.br>

Na sexta capa a ser analisada, edição nº 22 de julho de 2017, estão representados três homens, dois deles (esquerda e centro) estabelecendo relação de demanda com o leitor, por voltarem seus olhares para o mesmo, e um deles (direita) de olhos fechados, seu rosto apontando na diagonal para o participante que está representado em pé. Com relação à distância social e à atitude, os três estão representados em plano médio (*medium shot*), criando, novamente, uma relação de sociabilidade com o leitor. Além disso, há um nível de não envolvimento mais acentuado com relação ao participante posicionado à direita, pois seu corpo está completamente virado para o lado, em ângulo oblíquo, não fazendo contato direto com o leitor. O participante representado em pé é tocado pelo participante da direita e tem uma tatuagem que diz *touch me* (toque-me, em língua inglesa). Atentando para questões mais simbólicas, notamos que o participante “dominante” possui pelos no corpo inteiro e no rosto, enquanto os outros dois (dominados) têm apenas barba bem delineada e discretos pelos nas pernas. Pode-se chamar o participante do meio de “dominante” porque claramente exerce poder sobre os participantes nas laterais, por meio de processos acionais de segurar (e puxar) seus cabelos – ação essa geralmente associada a prática sexual mais vigorosa.

As cores da Figura 14 acrescentam valor simbólico adicional à imagem, ressaltando sensualidade já explicitada pela expressão nos rostos dos participantes representados e pela posição dos braços do participante que está em pé, e do participante representado à direita. Os três usam peças de roupas similares (apenas de cores diferentes) e que deixam o corpo à mostra, intensificando o aspecto de maior sensualidade. A tatuagem *touch me*, a maior quantidade de pelos no rosto e no corpo do participante representado em pé, além de seu posicionamento com relação aos outros dois (com aparente poder/superioridade com relação a eles), ajuda a estabelecer ou manter determinada imagem de masculinidade.

Em termos gerais, nessa imagem, vemos, mais uma vez, a ideia de masculinidade

hegemônica, em que pelos corporais e faciais são importantes e, nesse caso, símbolo de poder ao estarem presentes em maior quantidade em um dos participantes representados (o dominante). Ademais, as cores das sungas, que dão destaque a parte da frente do corpo do participante que está em pé, e as costas do que está de joelhos, vestindo sunga branca, além de fortalecer a hegemonia, sexualiza esses outros dois homens ainda mais.

Dessa maneira, podemos dizer que todas as publicações foram produzidas sob o mesmo contexto editorial e para o mesmo público-alvo, tendo em vista que são diferentes edições da mesma revista. Havendo algumas distinções no que diz respeito aos participantes representados nas capas e ao texto verbal reproduzido, emerge, contudo, nesses textos multimodais analisados, um padrão hegemônico de masculinidade.

Em geral, nas capas analisadas, percebemos um foco no corpo desnudo dos homens a fim de destacar elementos que contribuem para construções específicas sobre masculinidade: músculos (destacados pela ausência de pelos), barbas, e másculo. Vale, ainda, ressaltar que a presença de maior ou menor quantidade de pelos corporais e faciais também é utilizada nas capas para demarcar expressões de masculinidade mais hegemônica para alguns (Fig. 14, por exemplo) dos participantes representados em detrimento de outros (Fig. 12, por exemplo). Há, portanto, dentro do escopo dos dados analisados nesta pesquisa, favorecimento e consequente divulgação de uma imagem hegemônica de masculinidade na comunidade LGBTQ+, que parece implicar a inexistência de outras possibilidades de corporeidades e de masculinidades que tivessem legitimidade e/ou apelo editorial para compor capas de revistas a fim de vendê-las, já que é nelas que são hierarquizados fatos a serem ilustrados e discutidos ao longo da publicação, i.e. espaço por excelência para encenação e (des)legitimação de porções da tessitura social por meio da mídia impressa e/ou digital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a facilitar a compreensão de discursos dominantes e periféricos relacionados às expectativas de masculinidade na sociedade contemporânea ao estabelecer como o material escolhido para análise poderia ocultar sentidos que são apreendidos pela repetição de padrões no nosso cotidiano. Também foi importante, por meio da discussão de marcas ideológicas sobre o que significa ser homem em nossa sociedade contemporânea, investigar de que forma a revista propõe alterações ou mantém os padrões representados de masculinidade, levando-se em consideração o público-alvo da publicação.

Mesmo em um universo de capas limitado, acreditamos ter sido possível demonstrar que há a manutenção, nesta publicação, de uma visão hegemônica de masculinidade que destaca os homens musculosos, em sua maioria com pelos apenas faciais, e que transmitem imagem de poder especialmente pelos elementos simbólicos (i.e. tatuagens, vestiário e objetos) associados a seus corpos, bem como pelo posicionamento destes. É importante reconhecer, também, que há alguns exemplos de maior abertura nesse universo de representações, quando, por exemplo, temos um homem transexual estampando a segunda capa da revista, e também quando podemos ver não apenas homens *seminus* mas também outro sem pelos corporais ou faciais.

Gostaríamos de destacar, ademais, a importância de pesquisas que lidem com esta temática em nossa sociedade, qual seja a representação de masculinidades na mídia e as possíveis pressões daí decorrentes. Nem todo ser masculino se encaixa nessa visão hegemônica de masculinidade, tem o corpo que ela parece impor ou se identifica com as atitudes que ela prescreve. Propagar indiscriminadamente essa ideia pode ser danoso para algumas pessoas que recebem esse material e tentam alcançar um padrão, por vezes, inatingível. Ao consumir o que a mídia propaga como regras que devem ser seguidas, é sempre interessante estar alerta e analisar criticamente o conteúdo recebido. Acreditamos que a revista *MaisJR*, mesmo tendo muito ainda a rever quanto às representações de masculinidades que produz especialmente em suas capas, já dá sinais de entender que a diversidade é o caminho mais inclusivo, mesmo (e, talvez, até especialmente) em um mundo editorial tão competitivo.

Por fim, cabe, ainda, ressaltar a importância desse diálogo sobre questões de identidades de gênero, bem como de temas como sexualidade, classe social, raça/etnia em um país tão diverso e marcado por desigualdades econômicas e sociais. Ao estarmos abertos para compreender os outros como indivíduos plenos de potencial para a construção de uma sociedade mais justa, passamos a enxergar as diferenças como fatores que potencializam a experiência humana em sociedade para o bem comum.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Fábio. A análise crítica do discurso e os multiletramentos: o papel da linguagem no fazer docente contemporâneo. In: NÓBREGA, Carmem; ARCOVERDE, Rossana; BRANCO, Sinara e FARIAS, Washington (orgs.). *Educação linguística e literária: discursos, políticas e práticas*. Campina Grande: UFCG, 2016. p. 189-204.

CHRISTIE, Frances. *Language education in the primary years*. Sidney: UNSW Press, 2005.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2. ed. Los Angeles: University of California Press, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. *Critical discourse analysis*. Londres, Nova York: Longman, 1995.

\_\_\_\_\_. *Language and power*. 3. ed. Londres, Nova York: Routledge, 2015[1989].

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: histórica da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. Londres, Nova York: Routledge, 2006.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. "Falta homem até pra homem": a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In: HEBERLE, Viviane; OSTERMANN, Ana C.; FIGUEIREDO, Débora (orgs.). *Linguagem e gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. p. 131-157.

MEURER, José Luiz. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: \_\_\_\_; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.

NASCIMENTO, Roseli; BEZERRA, Fábio; HEBERLE, Viviane. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. *Linguagem & Ensino*, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2011.

RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

Submetido em 25/11/2019

Aceito em 17/03/2020

Publicado em 15/05/2020